

A economia da União Europeia

Lentamente, acumulam-se os sinais de que o pior da crise financeira já terá passado e, a pouco e pouco, os países europeus começam a recuperar das perdas de crescimento que penalizaram o seu desempenho ao longo do último ano.

Puxada, por uma economia global novamente em expansão, sobretudo com o contributo dos países emergentes e de uma Ásia em franca recuperação, as principais economias europeias reagiram com rácios mais animadores no último quartel. Ainda assim, questões de fundo como o desemprego vão obrigar a um tempo de espera e uma maturação necessariamente diferentes dos ritmos de retoma até regressarem aos níveis anteriores.

Afinal, esta foi a mais abrupta e profunda queda da actividade económica mundial e do comércio global desde o final da Segunda Guerra. E, mais do que tudo, as expectativas de recuperação estão agora marcadas por receios de acerto e correcção. Assim sendo, o ritmo de recobro será lento, com consequências directas numa lenta reanimação do mercado de trabalho, pelo menos por mais doze a dezoito meses, marcado pela ideia de incerteza e expectativa. Até porque, ao contrário do que aconteceu

com a maioria da banca americana, que já em 2010 integrou a quase totalidade das perdas decorrentes da crise e da aposta em produtos financeiros estruturados agora considerados como “tóxicos” e perigosos, o mesmo não se passou entre a banca europeia, pelo menos com a necessária e recomendada dimensão, o que acaba por reflectir as actuais diferenças no ciclo económico que se verificam entre as duas áreas, com particular vantagem para a economia norte-americana.

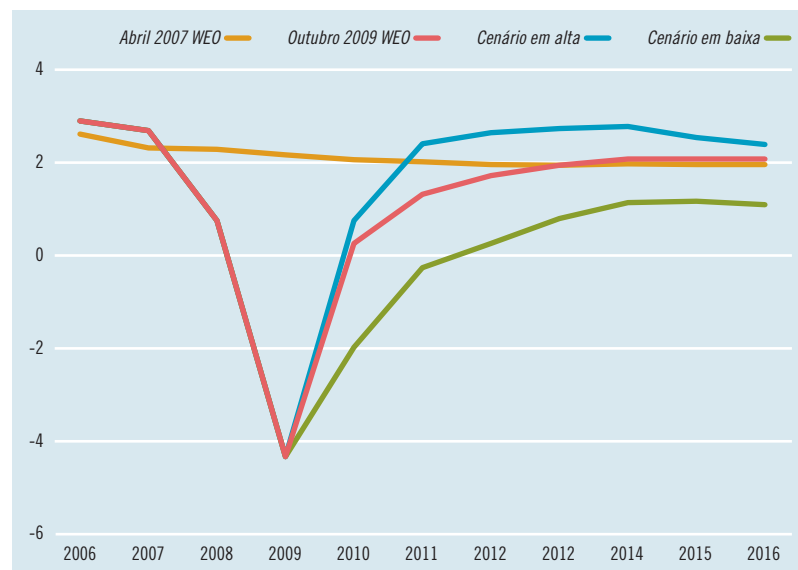
Diferentes causas, iguais consequências

Tal como tem acontecido nas recentes crises económicas, a Zona Euro é aquela que maior dificuldade apresenta em descolar de um quadro internacional anémico e depressivo.

Ao longo de 2010, a Europa foi fustigada por uma queda da actividade, fruto de um declínio abrupto na procura interna, especialmente ao nível do Investimento, a par de um emagrecimento das trocas comerciais no interior da sua integração, com as economias a sofrerem individualmente de forma diferenciada.

As mais penalizadas acabaram por ser aquelas onde o mercado imobiliário mais caiu,

CRESCIMENTO REAL DO PIB: ÁREA DO EURO (em %)



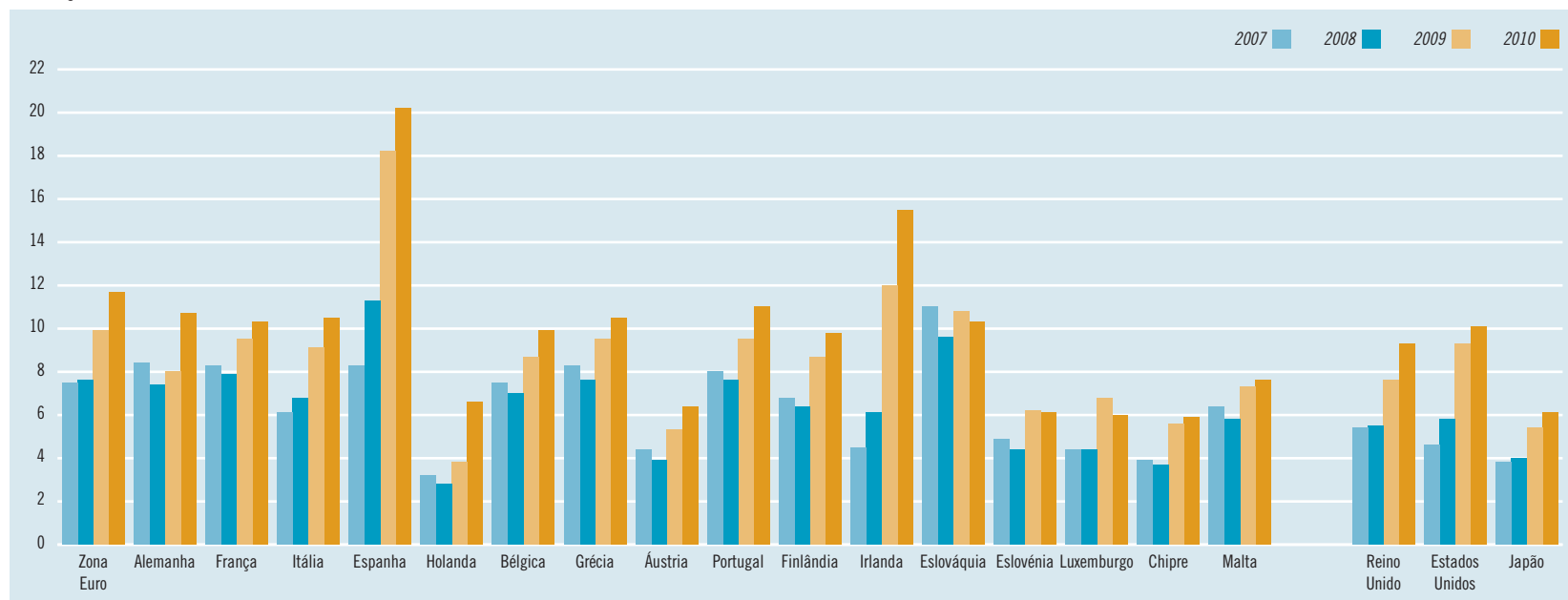
Fonte: Fundo Monetário Internacional (FMI).

com destaque para Espanha, Grã-Bretanha – fora da Zona Euro, naturalmente – e Irlanda. Já no caso da Alemanha, o problema residiu na redução das exportações e na contracção dos mercados internacionais, com as hipóteses de recuperação da maior economia europeia a acompanharem a melhoria das condições mundiais. No caso das economias europeias consideradas como emergentes, fora da Zona Euro, no Báltico, Bulgária e Roménia, o mergulho nas contas económicas teve principalmente

a ver com o fim dos investimentos e um corte profundo no habitual fluxo de capitais que marcou a actividade económica dos últimos anos.

A resposta dos países europeus passou, na maioria dos casos, por largas injeções de capital por parte dos governos, com o objectivo de conseguirem estancar a sangria no sector financeiro e assegurarem a tranquilidade e confiança para uma retoma assente nas garantias estatais, um pacote de estímulos que contribuiu para um *volte-face*

EVOLUÇÃO DO DESEMPREGO, 2007-2010



Fonte: International Monetary Fund (IMF).

Pedro Pinto

na segunda metade de 2009, com a Zona Euro a beneficiar de uma melhoria das suas exportações, mantendo as expectativas de um crescimento económico para 2010, com níveis de inflação a revelarem-se moderados – a velha e persistente preocupação do Banco Central Europeu.

A lenta recuperação da Zona Euro

Depois de uma queda de 4,2% ao longo do ano de 2009, a Zona Euro vai apresentar no próximo ano um crescimento económico positivo de 0,3%, invertendo um ciclo económico francamente negativo: a queda foi superior à da economia americana e, já para 2010, a capacidade de recuperação mostra-se inferior tanto à dinâmica apresentada pelos Estados Unidos como aquela que é ostentada até pelo Japão. Uma diferença significativa entre as três referências em matéria de economias avançadas, com a Europa a crescer um quinto da economia americana e quase um sexto da economia nipónica.

Também a trajectória negativa do desemprego se vai acentuar em 2010, para atingir um recorde de 11,7%, mas diminuindo ligeiramente o ritmo de subida face a 2009, quando a taxa de desemprego na Zona Euro disparou de 7,6 para 9,9%.

Do ponto de vista individual, destaque para o choque económico sentido este ano em países como a Irlanda, Finlândia e Alemanha, os mais penalizados com a crise financeira internacional entre a Zona Euro, com a actividade económica a decrescer 7,5% em terras irlandesas, num quadro de crise que ainda se vai manter latente em 2010.

A Eslováquia é o país da Zona Euro com melhor *performance* para 2010, com um crescimento próximo dos quatro pontos percentuais, numa recuperação extraordinária a deixar a larga distância tanto a França como a Finlândia, as duas economias que mais contribuem de forma positiva para o resultado global da Zona Euro.

Quanto à economia portuguesa, claramente prejudicada nas exportações face à retracção nos principais mercados europeus, 2009 deverá representar uma queda de 3% do produto, em contraste com uma ligeira retoma em 2010, ainda assim inferior a meio ponto percentual e, uma vez mais, ligeiramente acima da média da Zona Euro, ainda assim uma convergência demasiado ténue que represente uma diferença significativa na diferença já cavada para a média comunitária em matéria de rendimento. No capítulo do mercado de trabalho, Portugal deverá atingir uma taxa de desemprego de 11% em 2010, depois de uma subida

para 9,5% em 2009, ainda assim valores ligeiramente inferiores à média da Zona Euro.

O futuro, em tons tímidos

Embora as condições do mercado financeiro tenham melhorado, as apertadas condições de crédito vão impor limitações em matéria de investimento privado, tornando mais difícil uma retoma musculada nos próximos dois anos, com o aumento do desemprego a pesar na dinâmica do consumo privado.

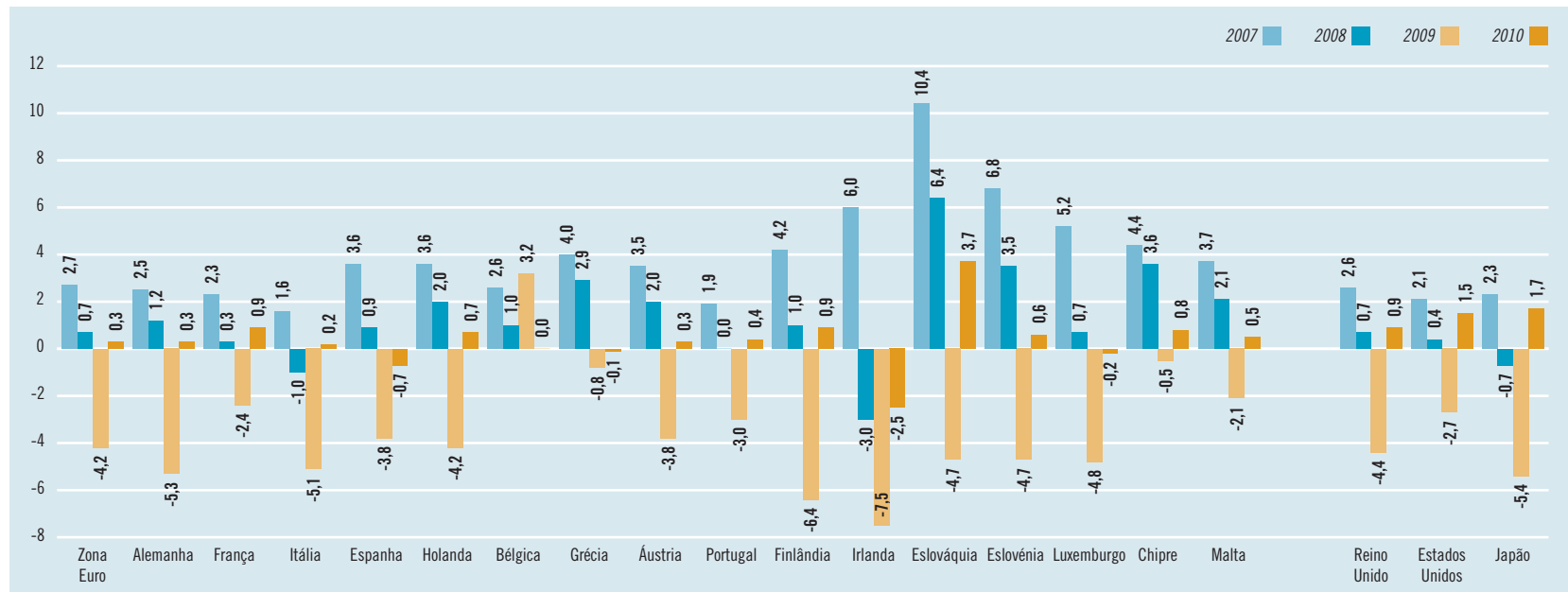
Se para 2011 são entretanto esperados outros resultados, com uma maior dinâmica no crescimento, a verdade é que a necessidade de os países da Zona Euro serem obrigados a iniciar a sua trajectória descendente em termos de défice público vai impor um delicado equilíbrio entre a retirada dos apoios estatais e a constatação da solidez da retoma.

Em nome da credibilidade da moeda única e do controlo dos preços na Zona Euro, estas são necessidades de reajustamento que vão colocar a Europa numa recuperação inevitavelmente mais tímida que outras regiões do globo, com o desemprego a atingir quase 12% entre os países da União Europeia em 2011.

Sendo certo que os pacotes de ajuda extraordinária não deverão ser retirados de um momento para o outro, também é seguro que a deterioração das contas públicas é evidente, com a maioria dos países da Zona Euro a ultrapassar os 5% em matéria de défice e a apresentar um forte subida nos valores da Dívida Pública. É preciso acertar os dois pólos da equação sem comprometer a retoma num jogo de equilíbrios arriscado. A inflação, devido à redução severa no crescimento económico, a par de uma diminuição do preço das matérias-primas ao longo dos últimos meses, vai manter-se baixa para 2010. Uma tendência que provavelmente se deverá consolidar em 2011, abrindo espaço para a manutenção em extraordinária baixa das taxas de juro na Europa, a níveis historicamente reduzidos e capazes de reforçar as tendências de investimento privado e crescimento económico.

A médio prazo, a Zona Euro deverá regressar aos níveis de crescimento atingidos antes da eclosão da crise financeira mundial, enquanto o desemprego se deverá manter alto, com uma maior dose dessa percentagem a assumir uma componente estrutural entre as economias europeias. Nesse sentido, um elevado número de desempregados europeus deverá ter ainda mais dificuldade em reentrar no mercado de trabalho. ■

CRESCIMENTO ECONÓMICO, 2007-2010



Fonte: International Monetary Fund (IMF).